

Universidade de Lisboa: reitor diz que alunos de residência contaminada ficam onde estão

O reitor da Universidade de Lisboa garantiu ontem que os alunos das duas residências da Faculdade de Motricidade Humana (FMH), onde está confirmado um caso de infecção, não serão obrigados a coabitar num único edifício e adiantou que o caso de covid-19 detectado apresenta uma carga viral baixa.

“Se isso acalma os estudantes, não vamos obrigar ninguém a mudar de residência”, disse à Lusa o reitor da Universidade de Lisboa (ULisboa), António Cruz Serra, adiantando que podem ficar na mesma residência onde estavam até serem testados e que o objectivo era apenas proceder à rápida descontaminação do edifício da Residência I, onde foi detectado um caso da covid-19, de uma funcionária, e há suspeitas ainda por confirmar de um segundo, segundo o que uma estudante adiantou à Lusa.

Onze estudantes da Faculdade de Motricidade Humana estão fechados no edifício da Residência II para impedir a entrada de dois estudantes da Residência I, onde se verificou o caso de infecção. Em declarações à Lusa, uma estudante da Residência II, que preferiu manter o anonimato, mas que falava em nome dos 11 residentes, disse que os alunos decidiram encerrar o edifício, trancando portas e grades, para evitar a transferência dos dois estudantes da Residência I, conforme pretendia a direcção da faculdade, mas que o reitor disse que já não será feita.

A resistência à transferência, apoiada pelos estudantes de ambos os edifícios, tem por base o risco de contágio por covid-19, uma vez que a funcionária dos Serviços de Acção Social da Universidade de Lisboa (SASUL) que tem gabinete no edifício da Residência I, testou positivo para a doença na passada sexta-feira, tendo já tido um teste inconclusivo na terça-feira anterior, mantendo-se em funções e em contacto

com os estudantes ao longo desse intervalo. Segundo a aluna que falou à Lusa, uma estudante da Residência I foi na madrugada de ontem transportada para o hospital pelo INEM com suspeitas de infecção por covid-19, tendo já regressado ao edifício, onde se encontra em isolamento e a aguardar os resultados do teste.

O reitor recusou ainda as críticas dos estudantes sobre a falta de oferta pela universidade de transporte em segurança para a realização dos testes no centro médico da Cidade Universitária, referindo que não é coerente com as recomendações da Direcção-Geral da Saúde e com os comportamentos diários dos próprios estudantes, que se deslocam das residências para outros pontos da cidade.

“Estamos a oferecer o teste que o Serviço Nacional de Saúde não ofereceria, porque achamos que a nossa função é tentar detectar o contágio por amostragem. No entanto, como temos capacidade instalada na universidade de testar as pessoas estamos a oferecer a capacidade de serem testadas. Se não quiserem não são testados”, disse o reitor.

António Cruz Serra disse que a funcionária com teste positivo trabalhou sempre de máscara, encontrase bem, sem sintomas e revelou uma carga viral baixa nos resultados do teste feito pela universidade, que está a desenvolver uma investigação que inclui um estudo serológico para caracterização da população.

Esse estudo, para o qual já existem resultados de 950 testes, revelou dez casos de covid-19 – um estudante e nove funcionários – todos assintomáticos e com carga viral baixa.

O reitor diz que sem este estudo há casos que nunca chegariam a ser detectados e contabilizados nas estatísticas nacionais, referindo ainda que são casos de infecções recentes que podem estar a contribuir “um bocadinho para o aumento de casos na região de Lisboa e Vale do Tejo”.